

espaço e paisagem

Dos objetos concretos, o espaço é o mais interdisciplinar, centro das preocupações de variados profissionais, que o apreendem como objeto de conhecimento ou como meio de trabalho. Visto como produto ou processo histórico é o resultado de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, que funciona de forma unitária, como um mosaico de relações, formas, funções e sentidos.

“A paisagem é diferente do espaço. A primeira é a materialização de um instante da sociedade (...) O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Complementam-se e se opõem” (Santos, 1991: 72).

A paisagem é o domínio do visível e apresenta diferentes escalas em função da posição do observador e de sua percepção. A percepção, como processo seletivo de apreensão, depende do aparelho cognitivo e uma vez que toda nossa educação, formal e informal, é feita de forma seletiva, **pessoas diferentes apresentam diversas versões e interpretações sobre um mesmo espaço.**

A paisagem se cria através de acréscimos e substituições irregulares ao longo dos momentos históricos, dependendo dos diferentes modos de fazer e necessidades, que ao se tornarem mais complexos, exigem mudanças. Quando a quantidade de técnica é grande sobre a natureza, o trabalho se dá sobre o trabalho, e novas técnicas resultam, na paisagem urbana, em **substituições de uma configuração espacial por outra**, sobretudo nas grandes cidades.

Este movimento formal da paisagem ao longo do tempo, pode ser mais ou menos rápido, dependendo das condições econômicas, políticas e culturais. Santos (1991) distingue dois tipos de mutações da paisagem: estruturais e funcionais. A divisão territorial do trabalho ocasiona uma diferenciação funcional dos subespaços da cidade e uma variação funcional de um subespaço em função dos horários e dias de utilização; as mudanças estruturais são principalmente formais e podem ocorrer por fatores físicos ou sociais (inadequação ou desvalorização).

arquitetura paisagística

Segundo Magalhães (2001), trabalha com os movimentos da paisagem, e justamente seu aspecto temporal é que exige a formulação de cenários nos quais intervêm a evolução da vegetação e alterações dos agentes sociais, econômicos e políticos. A autora destaca a Arquitetura como uma **arte política por cristalizar no domínio público, os valores sociais partilhados e os objetivos culturais em longo prazo.**

Seu campo de intervenção é todo espaço que rodeia o homem, exceto o interior dos edifícios, reservado à Arquitetura (que se ocupa da construção do abrigo para o homem, a coletividade e suas atividades). Sua forma é composta pela **vegetação**, material plástico, particular por ser um material vivo (evolução de forma e cor, ao longo da vida e das estações do ano e ecologia própria que condiciona sua utilização).

Na intervenção em espaços soltos e desarticulados tem a função de ligar os fragmentos através de uma estrutura que assegure a **comunicação simbólica**, além das funções ecológicas, econômicas e sociais. Quanto mais complexa a intervenção, maior é a necessidade de interdisciplinaridade.

O espaço em paisagismo (Abbud, 2006) é caracterizado por uma **rica experiência sensorial**, que trabalha com as mais diversas e completas experiências perceptivas. É importante lembrar, que o espaço físico real (medido, geométrico) é diferente do espaço psicológico (percebido apenas pelas sensações), que apreendido parcialmente, pode se prolongar ao seu redor ou pela paisagem afora, com efeito, de continuidade das massas verdes e união visual com o entorno.

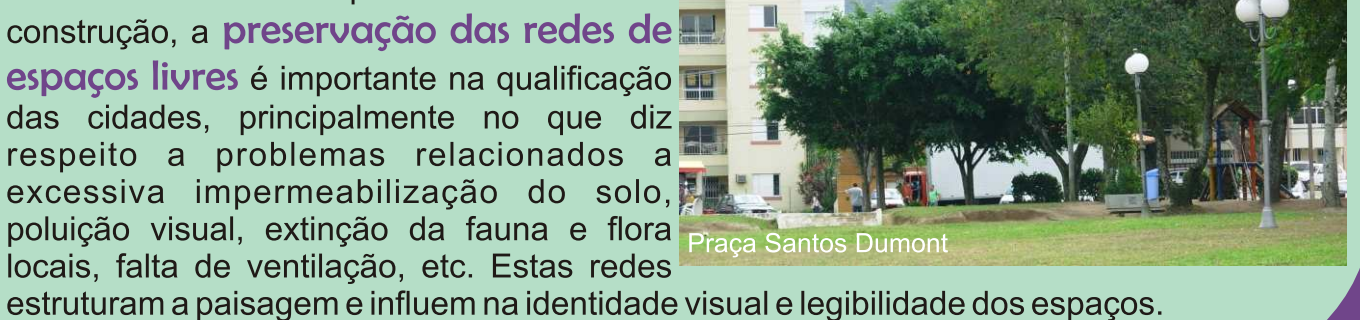
A **essência do espaço em paisagismo é diferente da arquitetura e do urbanismo, pois resulta de matéria-prima distinta (elementos e condicionantes da natureza) ar, água, fogo, terra, flora, fauna, tempo. No trabalho plástico destes elementos dinâmicos, não é possível nem desejável que os ambientes sejam geometricamente precisos e permanentes, as formas espaciais devem ser fluidas, livres e instáveis.**

O desafio está em trabalhar com as **tensões entre os vazios e os cheios** nas composições, sem as quais os espaços não existem. Quanto aos vazios, devemos pensar em como serão usufruídos pelas pessoas, como estes locais de vivência são delimitados pelos cheios. As diferentes e contrastantes percepções transmitidas por cada espaço paisagístico, dependem das extensões, alturas e luminosidades.

Dificilmente um jardim pode ser entendido de modo rápido ou de apenas um ponto de vista e o projeto deve fazer uso do jogo – dissimular e mostrar elementos – para que os **percursos sejam marcados por descobertas.**

A modelagem espacial diversificada composta de volumes vegetais e construídos é a base de um bom projeto, porque trás sensações diferenciadas. Para projetar é imprescindível pensar nos 3 planos: de piso, vertical de vedação e de teto. As **espécies vegetais** podem ser marcantes como esculturas, quando **isoladas** (marcadas pelos vazios circundantes ou quando apresentam completa visualização – altas recortam o horizonte), ou como **maciços verdes** (onde perdem sua individualidade, mas proporcionam diferentes e interessantes composições).

Os espaços livres da cidade não podem ser tratados apenas como possíveis áreas de construção, a **preservação das redes de espaços livres** é importante na qualificação das cidades, principalmente no que diz respeito a problemas relacionados a excessiva impermeabilização do solo, poluição visual, extinção da fauna e flora locais, falta de ventilação, etc. Estas redes estruturam a paisagem e influem na identidade visual e legibilidade dos espaços.



Rua Lauro Linhares



Praça Santos Dumont

espaços de debates

A preocupação com a construção de uma paisagem urbana de qualidade, que envolva as opiniões cotidianas de seus usuários em sua concepção, foi o ponto de partida deste trabalho. No TCC 1 foram colocados os seguintes objetivos:

- vivenciar e registrar, um processo de discussão projetual com usuários;
- elaborar um projeto para os espaços livres públicos da área de intervenção.

Minha vivência nestes espaços e em discussões de maneira muito intensa, em **situações formais** como as discussões de técnicos, ou em **conversas informais** e enriquecedoras. Os espaços de debates foram todos estes momentos, que contribuíram no entendimento das nuances envolvidas no planejamento urbano participativo, que permeia os desejos e as expectativas de cidadãos dispostos a pensar e lutar por uma cidade melhor, vontades estas, que devem estar contempladas nas decisões dos planejadores.

seminários e eventos

Em decorrência do meu estágio no SEPHAN, tive a oportunidade de participar de alguns seminários internos do PDP, onde foram discutidos e apresentados os **trabalhos** que estavam sendo **desenvolvidos pelos técnicos**, além de reuniões sobre metodologias e modelos (como o da Reserva da Biosfera). Foi uma experiência enriquecedora presenciar estas discussões e conhecer melhor os diversos temas relacionados ao planejamento urbano e a **visão dos técnicos municipais**. No decorrer dos trabalhos, equipes temáticas foram organizadas, e minha atuação (no IPUF) ficou voltada ao patrimônio histórico edificado do município.

Jornadas Universitárias Foram três os eventos promovidos pela UFSC, para discussão de temas relacionados ao PDP, com a **participação de professores e entidades** ligadas aos temas. Sua última edição sobre Mobilidade e Acessibilidade, reforçou as propostas apresentadas neste trabalho.

Cidades Contemporâneas - UDESC Foi uma importante oportunidade de discussão sobre ações populares (experiências e teoria envolvida), no mini-curso **"Planejamento Urbano e Ativismo Sociais"**, ministrado pelo geógrafo Eduardo Tomazie Teixeira, ministrando pelo geógrafo Eduardo Tomazie Teixeira, ministrando pelo geógrafo Eduardo Tomazie Teixeira, ministrando pelo geógrafo Eduardo Tomazie Teixeira.

Conferência Mundial sobre Desenvolvimento de Cidades Realizada em Porto Alegre (fev/08) foi uma oportunidade de descobrir novas (e antigas) **experiências** de planejamento, participação cidadã e mobilidade urbana, **nas mais diferentes realidades**; além das reflexões sobre o **papel educador que o planejamento urbano pode desempenhar.**

PDP BHI

Em 2006, foi constituído o **Grupo Comunitário de Discussão do PDP** na Bacia Hidrográfica do Itacorubi (sub-núcleo do Distrito Sede), que promoveu, em junho/07, uma reunião para definição de **Comissões Temáticas**, responsáveis pela sugestão das primeiras diretrizes e propostas. O Grupo, formado por representantes de associações de bairro, professores e profissionais ligados as universidades, e moradores interessados, passou a se reunir semanalmente, para definição da **metodologia da leitura comunitária e discussão das propostas** das Comissões, além da realização de oficinas para aprofundarmos os temas e a edição de um jornal, com apoio da Eletrosul. No final de 2007, **organizou e coordenou 4 leituras comunitárias**, onde, foram apresentadas e discutidas as diretrizes de: Gestão Democrática, Meio Ambiente e Infra-estrutura Urbana, Uso e Ocupação do Solo e Regularização Fundiária e Mobilidade e Acessibilidade, além de outros temas relevantes a cada localidade.

A **rotina de discussão com os moradores** foi fundamental para este trabalho, pois, além de ter de lidar com a diversidade de pessoas, visões e desejos, pude exercitar formas de falar sobre questões técnicas com os moradores (que muitas vezes também são técnicos) e entender melhor como aplicá-las de forma a contemplar as expectativas. Pode observar também, a relação entre o Grupo e o IPUF, na maioria das vezes conflituosa e desigual, mas sempre carregada de aprendizado (para ambas as partes). É notável que apesar das inúmeras dificuldades, a **participação comunitária está ganhando espaço e voz.**

levantamentos

Ao longo do trabalho fiz várias saídas a campo para levantamentos de dados e registro fotográfico, nestas ocasiões conversei com **pessoas que estavam na rua, em seu trabalho, ou nos pátios das casas**, suas opiniões, sugestões e curiosidades também foram levadas em conta.

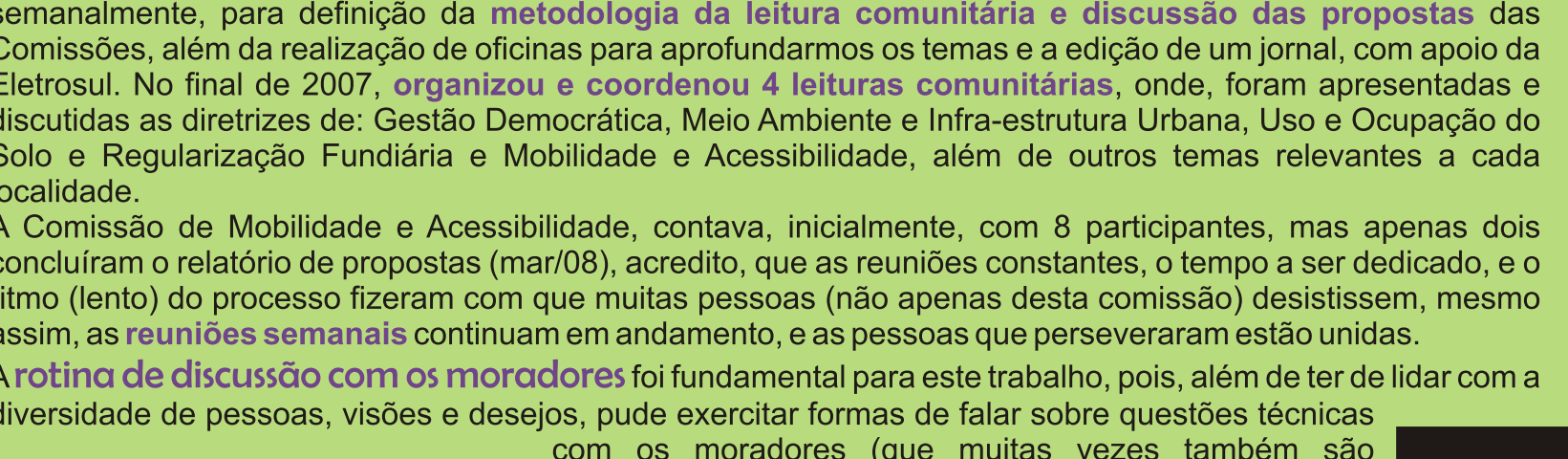
Projeto 12:30

Momento de apresentações artísticas, descontração e reunião informal dos estudantes, que acontece semanalmente na Concha Acústica, foi o espaço escolhido para **levar a maquete para a rua**, utilizando-a como **forma de provocação e de despertar o interesse das pessoas**. Não havia qualquer intenção de uma discussão formal, mas justamente observar **reações e opiniões**, e o resultado foi muito positivo, pois tive a oportunidade de falar sobre o trabalho e o PDP para pessoas dos mais diferentes cursos, além de ouvir suas opiniões sobre o local e os objetivos do trabalho. Sempre voltava para casa com mil questões a serem desvendadas ou aprofundadas.

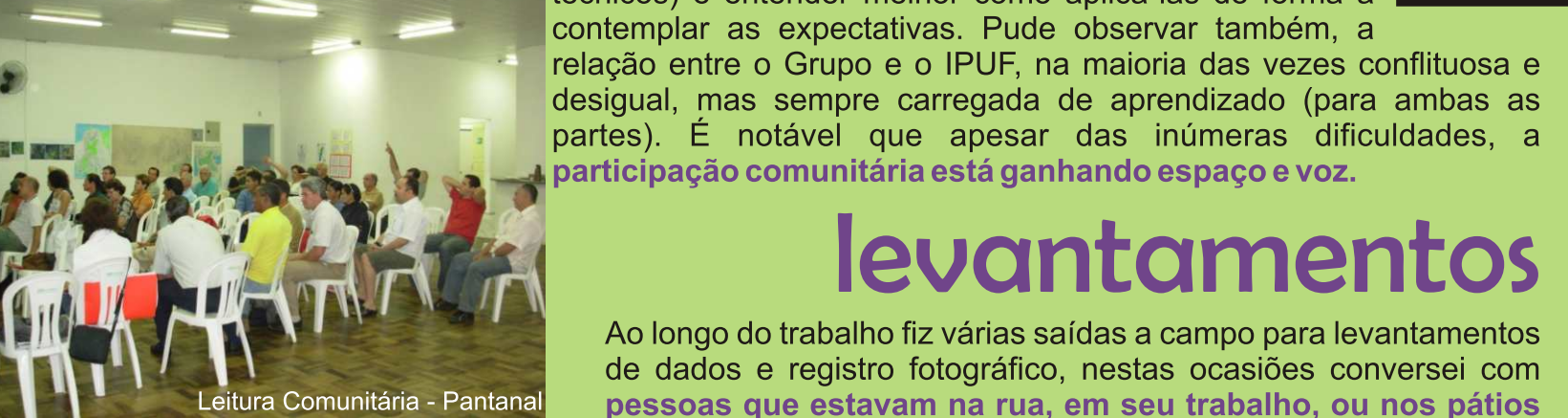
A **escola**, é também um espaço de debates, fundamental, mas que não pôde ser contemplado neste trabalho. Me refiro a todo e qualquer ambiente escolar, que pode (e deve) ser **utilizado como local de pensamento crítico sobre a cidade**, onde a discussão sobre problemas e melhorias nos espaços cotidianos pode ser aprofundada, na medida em que as pessoas se envolvam e se interessem pelo tema.



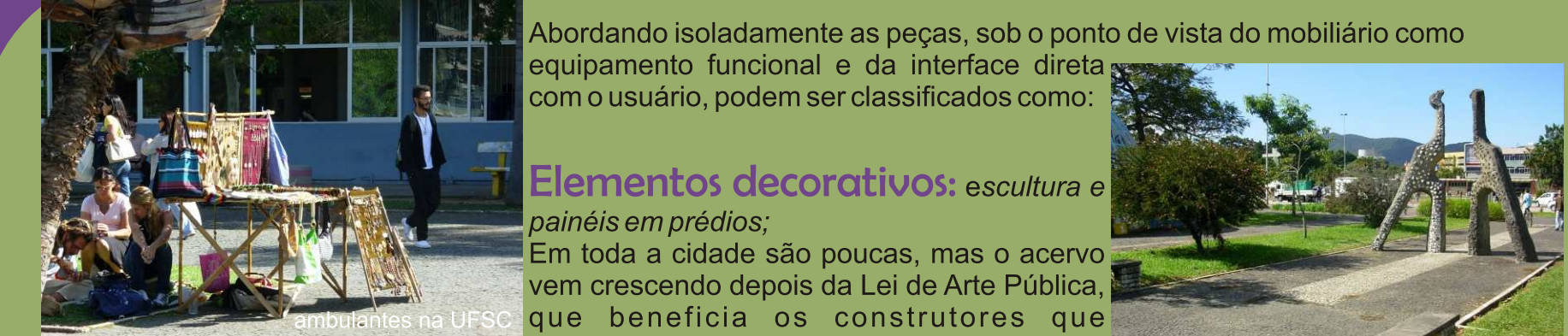
Leitura Comunitária - Itacorubi



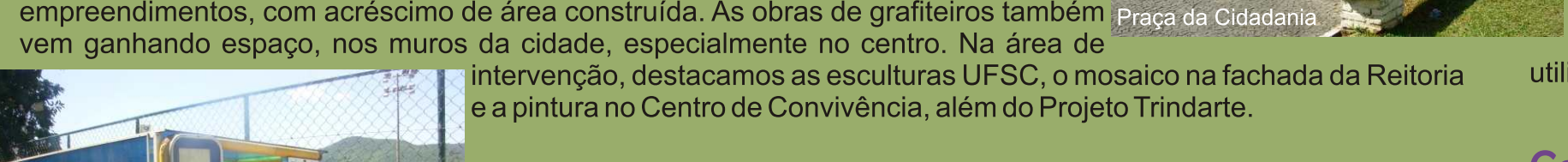
Leitura Comunitária - Corrego Grande



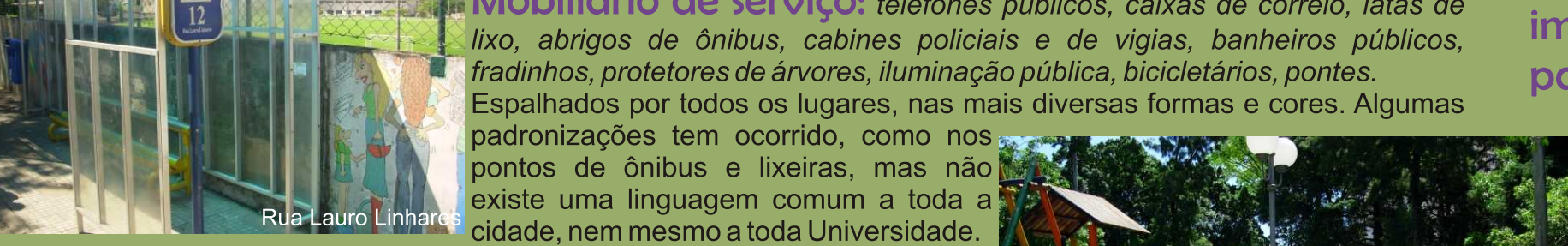
Leitura Comunitária - Pantanal



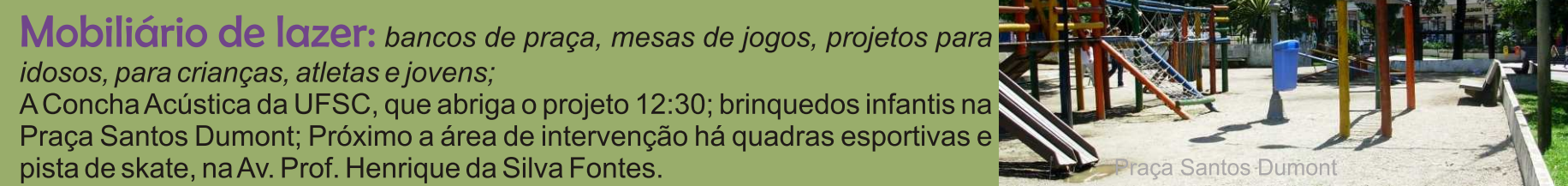
Contribuintes na UFSC



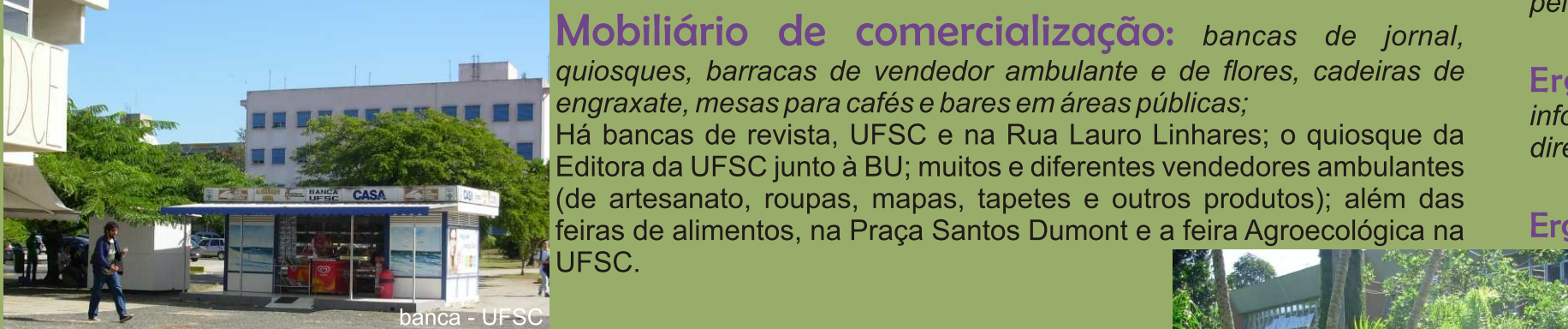
Praça da Cidadania



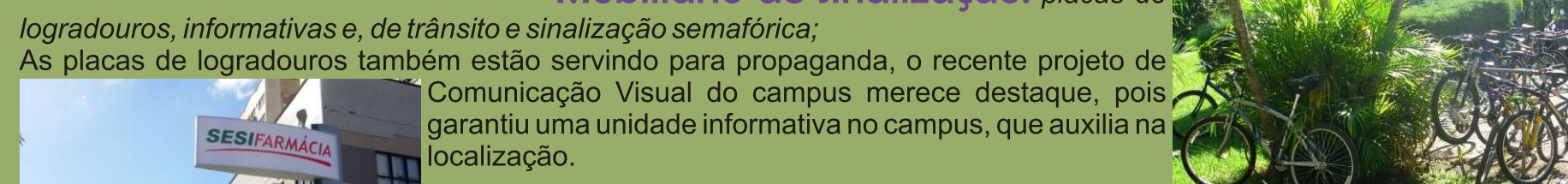
banca - UFSC



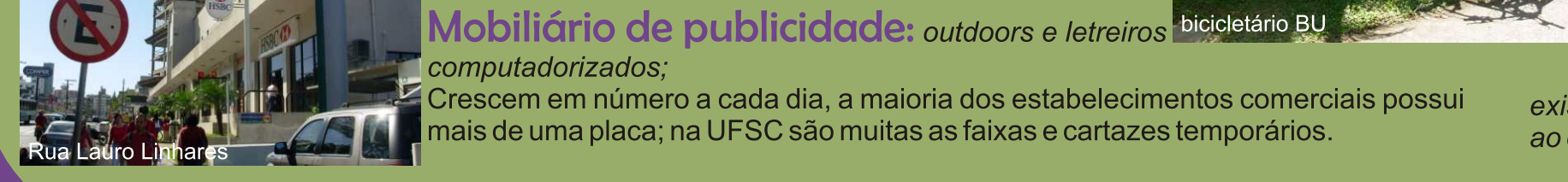
Praça Santos Dumont



banca - UFSC



bicicletário BU



Rua Lauro Linhares

material de apoio

Para que os **cidadãos ampliem seus espaços de debates, e qualifiquem suas propostas** é de extrema importância contarem com o que chamei de material de apoio, ou seja, material gráfico, dados sobre a cidade e sua população, acesso aos projetos já desenvolvidos para e sobre a cidade, o que está em desenvolvimento, obras aprovadas e mudanças na legislação (que no caso de Florianópolis é frequente), mas nem sempre, eu até diria na maioria das vezes, este material não está disponível à população.

Assim como o acesso a informações sobre o município, o acesso ao material gráfico (mapas temáticos de ocupação e infra-estrutura, fotos aéreas, levantamentos dos limites de Areas de Preservação) não é fácil, além de muitos dos dados estarem desatualizados. **A falta deste material (impresso) durante as discussões do PDP** foi notável pela **dificuldade de entendimento e visualização de muitas das propostas**, especialmente as que dizem respeito ao uso e ocupação do solo. Recentemente o IPUF disponibilizou fotos aéreas e mapas temáticos na INTERNET.

Para a confecção do mapa base utilizado neste trabalho, foi necessário o cruzamento de dados de três mapas e levantamentos no local para a atualização das projeções das edificações, prova de que **a cidade está se modificando rapidamente, sem o devido registro e processamento das novas informações.**

Para a confecção do mapa base utilizado neste trabalho, foi necessário o cruzamento de dados de três mapas e levantamentos no local para a atualização das projeções das edificações, prova de que **a cidade está se modificando rapidamente, sem o devido registro e processamento das novas informações.**

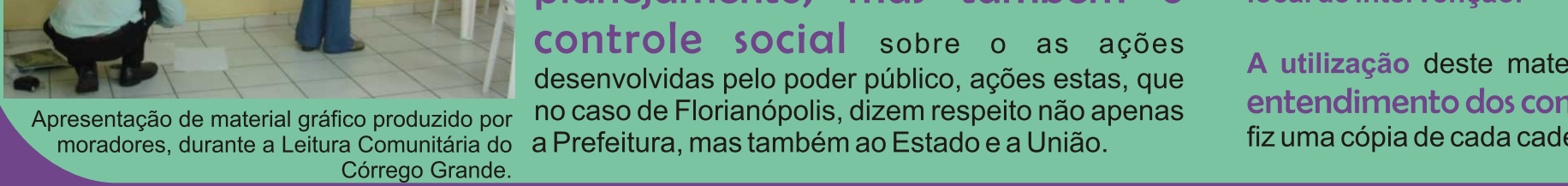
Para a confecção do mapa base utilizado neste trabalho, foi necessário o cruzamento de dados de três mapas e levantamentos no local para a atualização das projeções das edificações, prova de que **a cidade está se modificando rapidamente, sem o devido registro e processamento das novas informações.**

Para a confecção do mapa base utilizado neste trabalho, foi necessário o cruzamento de dados de três mapas e levantamentos no local para a atualização das projeções das edificações, prova de que **a cidade está se modificando rapidamente, sem o devido registro e processamento das novas informações.**

números e projetos

A **falta de um banco de dados atualizado sobre o município**, que esteja facilmente **disponível aos moradores** foi uma das dificuldades encontradas durante as discussões do Grupo Comunitário. Dados quantitativos e qualitativos sobre a população e a infra-estrutura encontram-se dispersos nas secretarias municipais e nas universidades, exigindo intensa pesquisa para o acesso a informações básicas para o desenvolvimento de propostas. A dificuldade de acesso a informações sobre projetos em desenvolvimento também retardava as discussões, uma vez que, a comunidade não tem uma visão completa do que está sendo realizado no Município.

É **urgente a realização desta ferramenta, que auxilia não só o planejamento, mas também o controle social** sobre o as ações desenvolvidas pelo poder público, ações estas, que no caso de Florianópolis, dizem respeito não apenas a Prefeitura, mas também ao Estado e a União.



TCC 1, cadernos temáticos e relatório da Comissão de Mobilidade e Acessibilidade

O mobiliário sempre esteve presente nas cidades como uma **complementação da urbanização**, quando surgem novos usos e padrões de tratamento do espaço público, as novas necessidades são supridas por novos equipamentos. Os projetos das peças passaram a diferenciar e valorizar os espaços livres, definindo padrões de qualidade. Por serem **equipamentos de uso público** devem atender da melhor forma possível às necessidades da população usuária, ou serão mal utilizados ou, até mesmo, não utilizados.

Com **funções de grande importância na qualidade de vida das cidades**, “seu papel interativo entre espaços públicos e usuários **influencia e é influenciado pelos comportamentos sociais e expressões culturais regionais – que têm de ser levados em conta**” (Mourthé, 1998: 11-2).

Critérios de abordagem para análise:

Preservação e manutenção: estado de conservação, revelando vandalismo, desgaste pelo uso, resistência a intempéries;

Ergonomia – aspecto informacional: informações aos usuários, relativas à localização e direção ou de utilização

Ergonomia – interfacial e de integração: tamanho e/ou formato do objeto, que permita acessibilidade universal, evitando barreiras físicas, interrupção da passagem ou risco de acidentes por má localização e permitindo o uso por deficientes físicos, usuários de baixa ou alta estatura e até mesmo crianças;

Polição Visual: excesso de informações e interferência no ambiente de forma desarmônica;

Propaganda: se existe ou não publicidade vinculada ao equipamento.



Concha Acústica - UFSC

maquete

Com base na metodologia do **planning for real**, desenvolvi um **modelo físico da área de intervenção** (equivalente ao desenho representado em escala 1:2000 nestas pranchas) **para facilitar a visualização do local e das propostas.**

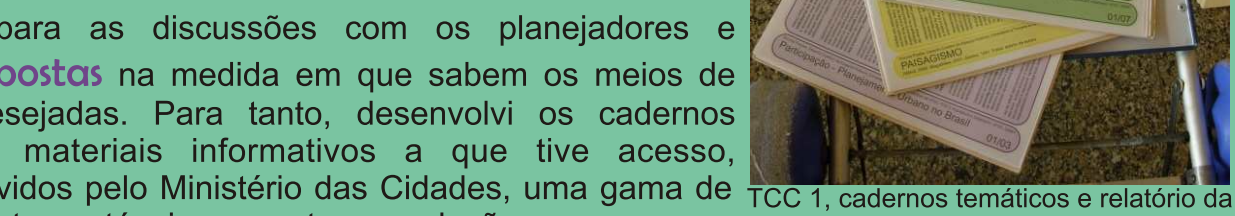
Apresentada no Projeto 12:30, em reunião do Grupo Comunitário de Discussão do PDP na Bacia do Itacorubi e na III Jornada Universitária da UFSC, se mostrou um **material imprescindível para o desenvolvimento de propostas de planejamento urbano junto a população.** A maquete desperta a curiosidade das pessoas, envolvendo-as no tema (mesmo que inconscientemente) e incentivando-as a fazerem propostas, sugestões e observações, fato comprovado por grupos de outros distritos que utilizaram modelos físicos em discussões do PDP.

A experiência no Projeto 12:30 foi especial, uma vez que a maquete foi exposta num local que está representado nela, suscitando reações de **espanto e interesse**, sempre que as pessoas se localizavam e passavam a reconhecer as construções e espaços.

Em meio a todos os diálogos sempre manteve a preocupação inicial de **aproximar a linguagem técnica das pessoas dispostas a discutir a cidade**, subsidiando-as para as discussões com os planejadores e **enriquecendo suas propostas** na medida em que sabem os meios de alcançar as melhorias desejadas. Para tanto, desenvolvi os cadernos temáticos, baseados em materiais informativos a que tive acesso, especialmente os desenvolvidos pelo Ministério das Cidades, uma gama de livros e manuais, voltados tanto aos técnicos quanto a população.

Em todos os cadernos, depois de uma **introdução aos temas e conceitos básicos**, procurei desenvolver **detalhes das ferramentas de desenho**; apresentar **projetos já desenvolvidos para a área** (como os projetos paisagísticos para a UFSC); exemplos de projetos desenvolvidos para outras localidades e de programas do Ministério das Cidades; **normas técnicas** envolvidas (especialmente no caso da acessibilidade) e **análises do local de intervenção.**

A **utilização** deste material se mostrou muito eficiente, **despertando a curiosidade e facilitando o entendimento dos conceitos e ferramentas de desenho envolvidos**. Em função do custo de impressão, fiz uma cópia de cada caderno para exposição e disponibilizei em meio digital (CD) para os interessados.



TCC 1, cadernos temáticos e relatório da Comissão de Mobilidade e Acessibilidade

mobiliário urbano